

## O PAPEL DA METONÍMIA NA MORFOLOGIA LEXICAL

Margarida Maria de Paula Basilio<sup>1</sup>

marbas@centroin.com.br

**RESUMO:** O trabalho aborda a conexão entre padrões metonímicos, conhecimento enciclopédico e conhecimento lingüístico na formação de palavras e afirma o caráter fundamental desta interação para o funcionamento dos padrões morfológicos responsáveis pela eficiência do léxico como um sistema dinâmico de constituição de formas simbólicas. Inicialmente, define-se a visão de léxico adotada no trabalho, sendo ressaltada a relevância dos processos de formação de palavras na expansão lexical e aquisição do léxico. Em seguida, explicita-se o conceito de metonímia conceitual adotado e sua importância para a abordagem de fenômenos lexicais. Apresenta-se, em seqüência, uma breve análise de diferentes construções lexicais, nomes de ação e nomes de agente deverbais, nomes de agente denominais, nomes de “paciente”, verbos denominais, tipos de conversão adjetivo-substantivo e formações composicionais V-S, com o objetivo de explicitar o papel crucial da metonímia conceitual na funcionalidade dos padrões morfológicos correspondentes a estas construções. A parte final sugere que a imbricação da metonímia em padrões de formação de palavras produz um impacto em controvérsias correntes entre estudiosos de morfologia e que talvez tenha chegado o momento de propor explicações mais condizentes com o caráter multidimensional do léxico nas línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** padrões morfológicos; metonímia; construções lexicais; língua portuguesa.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, partindo do pressuposto que construções lexicais são simbólicas, isto é, remetem a significado(s), pretendo demonstrar a relevância de padrões metonímicos, em conexão com padrões morfológicos de formação de palavras, para a interpretação de formas derivadas.<sup>2</sup> As análises apresentadas resultam de uma pesquisa de vários anos sobre a questão das funções internas dos padrões de constituição de palavras derivadas no léxico do Português do Brasil.<sup>3</sup>

De início, exponho minha posição acerca dos controversos conceitos de léxico, morfologia lexical e metonímia. Em seguida, abordo diferentes construções lexicais no

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>2</sup> O trabalho se concentra em formas derivadas, mas inclui também um caso de formas compostas.

<sup>3</sup> O cerne do trabalho resulta dos projetos “A Metonímia na Constituição do Léxico”(Proc. N.305189/2003-4) e “Processos e Padrões na constituição do léxico” (Proc.N.306823/2006-3), financiados pelo CNPq nos períodos 2004-2007 e 2007-2010.

Português do Brasil, a saber: substantivos de ação deverbais; nomes de agente deverbais e denominais; verbos denominais; formações por conversão; e, finalmente, compostos. Observo, adicionalmente, que, dada a função denotativa do léxico, muitas vezes relegada a um segundo plano ou mesmo não reconhecida, e dado o problema de economia, crucial no léxico como sistema de representação conceitual que serve de base à construção de enunciados lingüísticos, por questões ligadas ao acesso lexical, é natural que padrões metonímicos sejam utilizados em conexão com padrões morfológicos nas construções lexicais. Concluindo, sugiro que é chegado o momento de se pensar numa proposta que dê conta da multidimensionalidade do léxico.

## **1. OS DIFERENTES CONCEITOS DE LÉXICO**

O léxico tem sido definido de vários modos, seguindo diferentes pressupostos teóricos. Ao lado da concepção genérica clássica do léxico como o conjunto de palavras de uma língua, em que se pressupõe o conhecimento tácito do que é uma palavra, encontramos definições mais técnicas, que variam dependendo de interesses cambiantes de abordagens teóricas e/ou descritivas. Por exemplo, a separação léxico/gramática, assumida por Bloomfield e seguida por Chomsky nas fases iniciais da teoria gerativa enfatiza a oposição entre o peculiar e o gramatizável numa língua, assim deslocando o léxico do campo de preocupações da Teoria da Sintaxe. Em diferentes proposições posteriores da teoria gerativa o léxico oscila entre não existente (Chomsky, 1957), lista não ordenada de matrizes de traços fonológicos, sintáticos e semânticos (Chomsky, 1965), lista de todas as entradas lexicais, relacionadas por regras de redundância (Jackendoff, 1975), lista de itens contendo irregularidades, juntamente com padrões que determinam formações possíveis (Aronoff, 1976), lista de itens sem nenhum interesse para a gramática (Di Sciullo&Williams,1987), memória de longo prazo (Jackendoff, 1997), e assim por diante.

## **2. LÉXICO E MORFOLOGIA LEXICAL**

O presente trabalho tem como ponto de partida a questão da relevância da função denotativa do léxico e, portanto, dos processos de formação de palavras não apenas em seus aspectos de interesse para a sintaxe, mas também, em especial, em seu aspecto semântico.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> V. Aronoff (1976), Jackendoff (1983), Basilio (1986, 1987, 2004a), Corbin (1990), etc.

Assim, o léxico é aqui concebido como um sistema de formas simbólicas que evocam conceitos, formas que utilizamos na construção de enunciados (Basilio, 2004b, Langacker 2002). Mais do que um conjunto de formas, portanto, o léxico é um sistema que contém e (re) produz formas na medida de nossas necessidades de representação conceitual e construção de enunciados para fins de comunicação. Adicionalmente, dado o papel do léxico nas línguas, é necessário que esse sistema de caráter simbólico, base para um sistema de comunicação que exige considerável rapidez de acesso, seja ágil e permita o acesso global permanente a uma quantidade gigantesca de informação organizada. Os padrões morfológicos exercem um papel necessário internamente ao sistema, na medida em que são responsáveis pela formação e reconhecimento de construções, sendo o significado, função e emprego de construções lexicais sinalizado pelas marcas morfológicas correspondentes (Basilio 2004b).

A morfologia lexical estuda os padrões de formação de construções lexicais. Naturalmente, a definição de construções lexicais também depende de pressupostos teóricos, podendo englobar ou não as formas flexionadas das palavras ou construções que vão além das chamadas palavras compostas, tais como locuções de diversos tipos de estrutura (Basilio 1999, Gonçalves, 2011). Para os fins deste trabalho, entenderemos como construções lexicais apenas as palavras derivadas, compostas e resultantes do fenômeno de conversão, dado o nosso interesse na interpretação das construções lexicais<sup>5</sup>, especialmente no que tange à relevância da metonímia para a eficácia dos processos de formação de palavras. O trabalho se instaura, portanto, na interface entre a morfologia lexical e mecanismos cognitivos.

### 3. CONCEITOS DE METONÍMIA

A metonímia é tradicionalmente definida como a referência a uma entidade para representar outra que a esta é associada em termos de contigüidade (Seto, 1999). Os exemplos mais comuns são os de Local por Agente, Todo por Parte, Causa por Efeito, e assim por diante, conforme exemplificado abaixo,

(1) Precisamos de mais cabeças para tocar este projeto a tempo

onde *cabeças* é utilizado para denotar pessoas com boa capacidade mental. Isto é, a entidade *cabeça*, uma parte fundamental do corpo humano, é utilizada, através da metonímia Parte pelo

---

<sup>5</sup> O termo construções lexicais está sendo utilizado como um termo neutro, embora compatível com uma abordagem cognitiva. Não se trata, entretanto, de uma análise baseada na chamada Gramática de Construções.

Todo, para denotar pessoas, conceito claramente associado à idéia de corpo humano. A metonímia conceptual se opõe à metáfora, em que temos uma associação feita entre entidades de domínios diferentes, como no exemplo abaixo:

(2) Todos estão envolvidos, mas o cabeça do bando é fulano.

Em (2), novamente o termo cabeça está fazendo referência a um ser humano, mas neste caso não se trata da menção a uma parte para referência ao todo, mas da concepção de que a situação de fulano em relação ao bando é análoga à situação da cabeça em relação ao resto do corpo, ou seja, a situação de comando, responsabilidade ou liderança.<sup>6</sup> Temos, portanto, uma metáfora, isto é, a referência a uma entidade através de outra entidade pertencente a um outro domínio cognitivo.(Barcelona, 2003)

Mais recentemente, a partir das proposições da Lingüística Cognitiva, a metonímia é considerada como um fenômeno conceptual, no qual uma entidade conceptual dá acesso a outra entidade dentro do mesmo domínio ou modelo cognitivo. Assim, por exemplo, “cabeça” está dentro do domínio “pessoa” e a metonímia é entendida como Parte pelo Todo.

O conceito e características da metonímia vêm sendo intensamente discutidos nos últimos anos. Aqui, não pretendo entrar nesta discussão; assumo a definição de Radden e Kovecses (1999), de que na metonímia conceptual uma entidade conceptual, o veículo, dá acesso a outra entidade conceptual, o alvo, dentro de um mesmo modelo cognitivo. E, juntamente com outros autores envolvidos com questões de construções de caráter simbólico, acrescento a visão de Langacker (2000), que mostra a relevância da metonímia como ponto de referência. De acordo com Langacker, a metonímia é tão generalizada nas línguas porque é basicamente um fenômeno de ponto de referência, isto é, a entidade representada pela expressão metonímica “serve como um ponto de referência, provendo acesso mental ao alvo desejado”. No exemplo (1), o termo *cabeça* serve como ponto de referência ao alvo conceptual desejado (= pessoas que usam a cabeça) de um modo específico; se nos referíssemos a pessoas com o termo *braços*, por exemplo, a interpretação seria outra, ou seja, haveria um ponto de referência diferente.

A metonímia se revela um instrumento não apenas para a eficiência da comunicação no nível dos enunciados, mas também para a eficiência do léxico enquanto sistema dinâmico provedor de signos nas línguas enquanto sistemas de comunicação: já que podemos acessar

---

<sup>6</sup> Janda (2011) usa um exemplo análogo, em que, entretanto, é mais difícil distinguir os dois significados.

uma entidade conceptual por meio de outra, processos morfológicos em correlação com padrões metonímicos atenuam o problema de acesso lexical em construções lexicais, dada a possibilidade quer de tornar-se redundante a armazenagem, quer de ser possível o acesso direto através de rotas de associação. Por exemplo, podemos usar um adjetivo pátrio como *brasileiro* como substantivo através da metonímia “Origem por Indivíduo”, de modo que há permanentemente uma associação entre o adjetivo e o substantivo, o que torna desnecessária a armazenagem de ambos.

A metonímia, entretanto, não tem sido focalizada em estudos morfológicos, sobretudo por questões de cunho teórico. Por um lado, em abordagens gerativas de fenômenos morfológicos, o objetivo central é a sintaxe, de modo que questões pertinentes à semântica lexical, mesmo em modelos em que não são descartadas, não constituem pontos de interesse. Por outro, na vasta literatura da Linguística Cognitiva sobre metáfora e metonímia conceitual, o interesse em morfologia lexical é diminuto, não apenas porque a morfologia não constitui um interesse central em termos de uma gramática de construções, mas também porque existe uma preocupação em não se estabelecer uma distinção rígida entre léxico e gramática ou entre morfologia e sintaxe.<sup>7</sup> Entretanto, estudos recentes começam a revelar a importância da metonímia em construções morfológicas. Passo então a analisar o papel da metonímia em diferentes formações derivacionais.

#### **4. O PAPEL DA METONÍMIA EM NOMES DE AÇÃO DEVERBAIS**

Começaremos pela metonímia nos substantivos deverbais de ação, isto é, substantivos formados de verbos que mantêm centralmente o significado do verbo, assim como *confirmação, declaração, ocorrência, destruição*, nas frases abaixo:

- (3) a. A confirmação de F. de que S. também viria foi inesperada<sup>8</sup>  
b. A declaração do delegado de que F. estava preso era de se esperar.  
c. A ocorrência de ventos fortes é comum nesta época do ano.  
d. A destruição da cidade pelos inimigos já era esperada.

---

<sup>7</sup> Há, no momento, um interesse crescente sobre formação de palavras em estudos cognitivistas. V., por exemplo, Panther e Thornburg (2002), Kemmer (2003), Tuggy (2005), Janda (2010), Onysko e Michel (2010), dentre outros, além dos vários artigos e teses sobre fenômenos morfológicos da língua portuguesa, tais como Miranda e Name (2005), Oliveira (2008), Basilio (2006, 2009), Gonçalves (2011), etc.

<sup>8</sup> Neste e nos demais exemplos, as iniciais F. e S. correspondem, respectivamente, a Fulano e Sicrano, e serão utilizados, sempre que possível, em lugar de nomes próprios.

Em (3), todos os substantivos deverbais podem ser interpretados como verbos, conforme se verifica em (4):

- (4) a' Foi inesperado F. confirmar que S. também viria.
- b' Que o delegado declarasse que F. estava preso era de se esperar.
- c' É comum ocorrerem ventos fortes nesta época do ano.
- d' Já era esperado que os inimigos destruíssem a cidade.

Entretanto, estes mesmos substantivos podem ser interpretados em referência ao efeito das ações representadas pelos verbos, como vemos em (5):

- (5) a. Vou agendar o encontro logo que tiver a confirmação em mãos.
- b. Peço que você me envie a declaração por escrito.
- c. Houve várias ocorrências de ventos fortes naquela região.
- d. Era desolador. De todos os lados onde olhávamos, era tudo destruição.

Nos exemplos de (5), os mesmos substantivos deverbais são interpretados como efeitos dos atos representados pelos verbos, através da metonímia “Ato por Efeito”.

As duas possibilidades ilustradas em (4) e (5) não constituem novidade; na verdade, os dicionários tradicionalmente definem substantivos deverbais como “Ato ou efeito de X”, em que X é o verbo. É de se notar, portanto, que a metonímia Ato por Efeito se inclui, por assim dizer, no processo de formação de substantivos deverbais no Português.

## **5. O PAPEL DA METONÍMIA NA INTERPRETAÇÃO DOS NOMES DE AGENTE DEVERBAIS**

Passamos agora à situação da metonímia em nomes de agente deverbais, um dos poucos casos de construções morfológicas lexicais que já foram estudadas, quer em inglês (Panther & Thornburg 2002), quer em português (Basilio 1980, 2006, 2009; Miranda, 1980; Oliveira, 2008).

Os nomes de agente podem ser definidos como substantivos que denotam indivíduos enquanto caracterizados por um ato que praticam ou atividade que exercem de algum modo típico e, com grande frequência, indicando profissões ou ocupações.

Os nomes de agente podem ser deverbais ou denominais. Os processos mais comuns de formação de nomes de agente são os que correspondem à adição dos sufixos *-dor* e *-nte*, para os deverbais; e *-eiro* e *-ista* para os denominais.

Na abordagem tradicional da Hipótese Lexicalista, em que se fizeram as primeiras análises da formação de nomes de agente deverbais em inglês, português e outras línguas, esta formação é considerada como um tipo de nominalização e analisada diretamente em relação a um vínculo verbal; nesta abordagem, o nome de agente é analisado como equivalente a uma oração adjetiva *que X*, onde *X* é o verbo. Assim, por exemplo, *observador* é aquele que observa, *administrador* é aquele que administra, e assim por diante.

Esta análise não é inadequada, mas deixa de lado uma série de propriedades desta construção lexical; em especial, ignora a freqüente utilização do padrão morfológico para designar indivíduos pela posição que ocupam e função que exercem. Mais especificamente, esta análise focaliza apenas o caráter construcional da formação, deixando de lado o aspecto denotativo. Assim, é importante chamar a atenção para o fato de que as formações em *-dor* e *-nte* não existem apenas para compactar sentenças, fazer referência a agentes sintáticos e substituir relativas; ao contrário, é de fundamental relevância a utilização de processos de derivação para a classificação funcional dos indivíduos e seus papéis na sociedade.

Tal classificação se faz, do ponto de vista morfológico, tomando-se um verbo para simbolizar a atividade que o indivíduo exerce e formando com este verbo, pelo acréscimo do sufixo, um substantivo que então designa o indivíduo que exerce caracteristicamente a atividade/ação. Por exemplo, a partir do verbo *administrar*, com o acréscimo do sufixo *-dor*, formamos o nome de agente *administrador*.

É crucial observar, no entanto, que a relação entre o verbo e o agente é desigual. Ou seja, *administrador* não é simplesmente aquele que administra, assim como *varredor* não é todo aquele que varre. Embora tenhamos, por um lado, uma relação direta, no sentido de que se alguém é *varredor* ou *administrador*, então essa pessoa, sem dúvida, em algum momento exerce ou exerceu a ação de varrer ou administrar, por outro lado nem todos aqueles que efetuam os atos correspondentes aos verbos podem ser referidos pelos respectivos nomes de agente. No caso de *administrador*, por exemplo, o fator preponderante é ser um profissional reconhecido na área de administração (ter um diploma universitário, por exemplo) e exercer a atividade como uma profissão. O fator mais importante parece ser, realmente, o exercício da atividade de modo constante e socialmente reconhecido, dentro de uma estrutura de funções. Assim, por exemplo, o *varredor* é um funcionário reconhecido como tal e tem a função de varrer, entre outras; mas a dona-de-casa ou a empregada doméstica, ainda que exerçam a

mesma atividade sistematicamente, não são designadas como varredoras. Do mesmo modo, não será designada como administradora a dona-de-casa ou secretária que administra diferentes atividades no dia-a-dia de um domicílio ou escritório. Costumo ilustrar esta discrepância com o caso do nome de agente *estudante*.<sup>9</sup> Embora haja uma ilusão primeira de componencialidade, no sentido de que estudante é aquele que estuda, nós, professores, sabemos o quanto (ou quantos) estudantes estudam. Em contrapartida, professores, pesquisadores e vários outros profissionais estudam muito mais; e quem quer que seja que passe a vida estudando não será chamado de estudante se não apresentar um determinado tipo de perfil, se não tiver alguma vinculação institucional. Enfim, estudante é aquele que tem a função de estudar como uma função social.

Ora, esta função social, correspondente a um ato ou, mais frequentemente, a um conjunto de atividades, é simbolizada pelo verbo que serve de base à construção morfológica. Temos, portanto, na base da eficácia da utilização de verbos para designar indivíduos por seu papel social, a conexão entre um processo morfológico, com a adição do sufixo *-dor* a um verbo, e um padrão metonímico, o de Atividade por Indivíduo. Vejamos esta conexão em outros exemplos, como *manifestante*, *repetente*, *coordenador*, *pintor*, etc. Nestes exemplos, podemos observar que não se trata de referência a alguém que eventualmente se manifesta, em *manifestante*, ou repete algo, em *repetente*, ou coordenou alguma coisa, em *coordenador*, mas, mais especificamente, a referência é a alguém que se manifesta publicamente como parte de um ato político, a alguém que repete o ano no sistema escolar, a alguém que tem um cargo ou função específica de coordenar em empresas, instituições ou eventos. Enfim, temos no mundo sociocultural uma série de cargos, funções, atividades e seus papéis e posições decorrentes; e precisamos de designar indivíduos em referência a este quadro de possibilidades funcionais.

Com a finalidade de designação destes papéis ou atividades socialmente relevantes, a morfologia entra em jogo com os processos de formação e a metonímia Indivíduo por Função Social. Na realidade, a metonímia é tão inerente ao processo morfológico que praticamente se torna invisível, fazendo a associação entre o significado do verbo e de ambos os agentes, o verbal e, sobretudo, o social.

Algo diferente, mas análogo, ocorre com a noção relacionada de instrumento, em que a função nomeia o objeto que, no entanto, apresenta várias outras propriedades não contempladas nos produtos do processo morfológico de adição de *-dor* a uma base verbal,

---

<sup>9</sup> V., por exemplo, Basilio (2009)



como em *ventilador*, *refrigerador*, *computador*: as hélices do ventilador e seu modo de funcionamento, a especificidade do que se conserva no refrigerador, assim como sua forma e fonte elétrica de potência, o modo de funcionamento e as possibilidades de utilização do computador, e assim por diante. No entanto, as conexões são imediatas por causa do fio condutor metonímico Objeto por Função, fazendo-se a associação do conhecimento enciclopédico do objeto com a função que motiva o ato de designação.

De fato, a escolha de um nome como *refrigerador* para um objeto corresponde à utilização de um processo corriqueiro de designação, a designação por função, que constitui um padrão metonímico. Adicionalmente, o próprio ato de designação instaura uma relação metonímica, na medida em que passamos a acessar o conhecimento enciclopédico por meio da construção morfológica escolhida no ato de designação. Conforme relatado por Dirven (2003), em referência às idéias de Günter Radden sobre metonímia, a estrutura do signo lingüístico é basicamente metonímica. Na verdade, a metonímia é fundamental não apenas nas construções de nomes de agente e de instrumento, mas também na própria constituição das formas simbólicas, sejam elas arbitrárias ou motivadas.

A relevância do padrão metonímico associado ao processo morfológico é ainda mais visível no caso dos nomes de agente denominais, na medida em que a relação é menos direta: trata-se de nomes de agente cuja base não representa diretamente uma ação/ atividade, mas um ser, objeto, local, etc. diretamente associado a determinados atos e atividades. Estes atos darão então sentido à construção morfológica que adiciona, por exemplo, *-eiro* a um substantivo para nomear um ator social como *faxineira* e *artista*. Vejamos algumas formações tradicionais e outras mais recentes. Casos como *sapateiro* e *jornaleiro* definem indivíduos pelas ocupações correspondentes, respectivamente, ao conserto de sapatos e venda de jornais. Assim, a conjunção da atividade crucialmente associada ao objeto define o ator social e faz referência ao indivíduo, no padrão metonímico “Função por Indivíduo”.

Nestas construções, é fundamental explicitar a questão da conexão ou não entre conhecimento lingüístico e conhecimento enciclopédico na formação de palavras. Embora seja considerada incontroversa entre os cognitivistas a impossibilidade de separação entre significado lingüístico e significado enciclopédico (v. Langacker 2002, Geeraerts 2006), a dificuldade de separação entre os dois aspectos do conhecimento lexical parece se restringir a formas morfológicamente simples, ou signos imotivados. Em formas derivadas, por outro lado, é clara a distinção entre a informação veiculada pela construção morfológica e o conteúdo provindo do conhecimento enciclopédico. Mais ainda, e é este o ponto fundamental

em relação à função do padrão metonímico, a informação veiculada pela construção morfológica seria praticamente inútil sem a conexão com o conhecimento enciclopédico.

Mais especificamente, nos nomes de agente deverbais, o significado de agente é dado pela construção morfológica, na qual um afixo é adicionado à uma base verbal; assim, por exemplo, “agente do verbo *estudar*” é o significado lingüístico da construção *estudante*. Entretanto, o significado de *estudante* como pessoa matriculada em alguma instituição da rede de ensino, tendo a função social de estudar, é de caráter enciclopédico. Só podemos considerar este significado como lingüístico no sentido de que o ato de utilização de um padrão morfológico para a designação de um ser a partir do conhecimento do mundo instaura um par significante/significado que, ipso facto, leva o significado enciclopédico, por metonímia, para a esfera da língua.

No caso das formações denominais, também o significado de agente nos é dado pela construção morfológica, na qual os afixos *-eiro* ou *-ista* são adicionados à base nominal. Assim, o significado lingüístico da palavra derivada *jornaleiro* é “agente em relação a jornal”. Entretanto, é de caráter enciclopédico a informação de que se trata de uma pessoa que vende jornais e revistas numa espécie de estabelecimento de construção precária que vemos em esquinas de ruas. Na verdade, *jornaleiro* e *jornalista* são construções morfológicas diferentes que apresentam o mesmo significado lingüístico “agente em relação a jornal”, mas diferentes significados enciclopédicos.<sup>10</sup>

A relevância da conexão entre processos morfológicos e padrões metonímicos se revela também na formação dos vários tipos de nomes de agente denominais em *-ista*.<sup>11</sup> Destes, vamos focalizar as formações que denotam adeptos (políticos, religiosos, ideológicos, teóricos, etc.), tais como *marxista*, *budista*, *feminista*, *petista*, *gerativista*, etc.

Nestas construções, como nas demais, a adição do afixo forma um substantivo que designa um indivíduo, mas enquanto adepto de algo representado pela base da construção morfológica<sup>12</sup>. Assim, a construção já é feita a partir da metonímia Indivíduo por Adesão Mental – aliás uma metonímia que, para além de sua função no léxico, está na base da maior parte dos preconceitos sociais.

O fator metonímico nessas construções não se resume a designar indivíduos por sua adesão mental; além disso, a base, geralmente nominal, pode ser também de outras classes, e

---

<sup>10</sup> Poderíamos, também, considerar os significados lingüísticos como diferentes, dada a complexa situação de *-ista* e *-eiro* como formadores de nomes de agente. Mas esta é uma questão controversa.

<sup>11</sup> Ver Miranda (1980), Basilio (1995), etc.

<sup>12</sup> Como sabemos, a denominação tradicional “nomes de agente”, que estamos utilizando, não é adequada a todos os casos. Se pensarmos, todavia, numa escala de agentividade, a adesão mental é pertinente entre os nomes de agente, como ato, atividade ou atitude na esfera mental, embora certamente ocupando um espaço de periferia.

se constitui no ponto de referência para o objeto da adesão. Mais ainda, o termo escolhido como base da construção meramente simboliza o real objeto da adesão. Por exemplo, em *evolucionista*, o substantivo abstrato *evolução* representa a idéia de que as espécies evoluem e, particularmente, o ser humano evolui dos chamados primatas; o caráter metonímico da formação da base da construção é ainda mais nítido no caso dos nomes próprios (por exemplo, *darwinista*), em que o adepto nomeado segue idéias, atitudes, teorias, etc. que estão simbolizadas no nome próprio metonimicamente associado a um indivíduo que apresenta uma obra socioculturalmente significativa. Teríamos, neste caso, a metonímia Nome pela Obra.<sup>13</sup>

## 6. A METONÍMIA NA REFERÊNCIA AO “NOME DE PACIENTE”

A designação de indivíduos em termos de papéis sociais abarca também o que poderíamos chamar de “nomes de paciente” ou “nomes de afetado”, em que se designa um indivíduo como paciente ou afetado pelo ato verbal, através da metonímia Vitimação por Indivíduo, no sentido de que o ponto de referência para a denotação do indivíduo é o ato que o vítima ou estigmatiza, como nos exemplos abaixo:

(6) acusado, indiciado, outorgado, flagelado, desalojado, preso, intimado, desempregado, oprimido

Exemplos deste tipo, ainda pouco estudados, talvez possam ser englobados num grupo maior, caracterizado pela noção de afetação, que abrangeria outras construções, como as de (7):

(7) aglomerado, amontoado, povoado, cercado, assado, pescado, telhado, grelhado.

Vemos, portanto, a relevância dos padrões metonímicos, em conexão com padrões morfológicos, na interpretação dos nomes de agente/instrumento/paciente tanto deverbais quanto denominais.

---

<sup>13</sup> Esta designação, assim como as demais apresentadas neste trabalho constituem abordagens preliminares, dada a complexa questão, intensamente discutida hoje em dia, de como se representar diferentes níveis de genericidade de padrões metonímicos.

## 7. O PAPEL DA METONÍMIA NA FORMAÇÃO DE VERBOS DENOMINAIS

A conexão entre padrões morfológicos e padrões metonímicos também está presente na formação de verbos denominais como *apimentar*, *carimbar*, etc. (v. Basilio 2004b, 2007). Na verdade, essas formações são, de certo modo, paralelas às formações em *-eiro* que vimos anteriormente: nas formações *X-eiro*, a construção morfológica leva do substantivo ao agente; nos verbos denominais, leva do substantivo ao ato. Em ambas as construções, aquilo que é representado pelo substantivo é o fator crucial na significação seja do nome de agente, seja do verbo denominal.

Aqui, vamos tomar como exemplo o caso mais produtivo de formação de verbos denominais, a adição do sufixo *-a(r)* a um substantivo para formar um verbo. O produto do processo é uma construção morfológica  $[[X]s a(r)]v$ .<sup>14</sup> Semanticamente, o verbo denota um ato ou evento evocado pelo substantivo. Em outras palavras, o substantivo base é um ponto fundamental de referência para o evento designado pelo verbo. Por exemplo, em *martelar*, o ponto fundamental de referência para o evento denotado é um instrumento, representado pelo substantivo *martelo*. O ponto de referência funciona como um elemento que dá acesso ao conceito verbal.

Mais especificamente, o verbo *martelar* é utilizado para referência aos atos correspondentes ao uso do martelo para fixar algo, em geral com pregos. Isto corresponde ao agente segurar o martelo pelo cabo, e fazer movimentos com o braço, com uso de força, para que a parte metálica do martelo bata com força sobre o prego ou algo equivalente, exercendo pressão. Este evento complexo faz parte do conhecimento enciclopédico que temos do verbo *martelar*. Naturalmente, o conhecimento enciclopédico está diretamente relacionado ao instrumento *martelo*, de modo que, ao formarmos (ou reconhecermos) *martelar* a partir de *martelo*, a construção morfológica que forma o verbo do substantivo é interpretada por força da metonímia Ato por Instrumento: a base da construção morfológica é o instrumento, e a construção morfológica produz um verbo, que representa um Ato. Assim, a metonímia Ato por Instrumento completa a construção morfológica, evocando o conhecimento enciclopédico que constitui o significado do verbo, no caso, *martelar*. Observe-se, adicionalmente, que é este conhecimento enciclopédico que nos permite entender frases como (8):

(8) Cuidado para martelar o prego, e não o dedo!

---

<sup>14</sup> Existe uma antiga controvérsia sobre como analisar estes verbos; aqui, assumo que o sufixo derivacional *-a(r)* se adiciona a substantivos para formar verbos. Para uma análise mais detalhada dos fatores em jogo nesta análise, v. Basilio 1993, Basilio e Martins, 1996.

Tendo em vista que o verbo *martelar* já figura no léxico do português há algum tempo, acrescento um exemplo de formação recente, o verbo *enxampuar* (o cabelo).<sup>15</sup> Pelo padrão morfológico, reconhecemos um verbo construído com o substantivo *xampu*. Assim, a conexão da estrutura verbal, que dá o significado de Ato, com o significado da base (substância) nos fornece automaticamente o significado “botar xampu em”, através da metonímia Substância por Ato. O conhecimento enciclopédico, prévio à formação, faz a conexão do significado geral com o ato específico e sua função no ato de lavar a cabeça, com os movimentos circulares das mãos, a presença da espuma, etc.

Existe também a possibilidade de termos verbos denominais baseados apenas no conhecimento lingüístico. Poderíamos apresentar esta análise (embora haja outras alternativas) no caso das formações oriundas de formas nominalizadas de verbos que, no entanto, não se mantiveram na língua. Dado o conhecimento lingüístico da relação paradigmática entre nome e verbo, o substantivo historicamente deverbal dá acesso ao conceito correspondente ao verbo, de modo que temos construções em que morfológicamente o verbo deriva do nome, mas conceitualmente o verbo morfológicamente denominal apenas suprime da forma nominalizada a visão nominal, numa situação que seria o equivalente conceitual de uma derivação regressiva. O interessante é que teríamos, então, uma metonímia como Visão Nominal do Ato por Ato, reconstituindo-se automaticamente o conceito verbal a partir da forma nominalizada, como podemos verificar nos pares abaixo:

(9) *influência/influenciar, solução/solucionar, revolução/revolucionar.*

Esse caso é de interesse especial, na medida em que podemos verificar o fator metonímia num tipo de construção não dependente de conhecimento enciclopédico.

## **8. O PAPEL DA METONÍMIA NO FENÔMENO DA CONVERSÃO**

Passamos agora a tratar do papel da metonímia em casos de conversão. Chamamos de conversão a transposição de classe que não se caracteriza por nenhuma marca morfológica explícita. No Português Brasileiro, o tipo mais comum de conversão talvez seja o que forma substantivos a partir de adjetivos.

---

<sup>15</sup> V. Basílio (2007). Embora nesta instância se trate de uma formação “nova”, a forma já está registrada no Dicionário Houaiss.

A conversão pode ser plena, formando uma dupla [X]S / [X]Adj, em que ambos, S e Adj, podem ocorrer em qualquer posição de adjetivo e de substantivo, com as propriedades correspondentes,<sup>16</sup> como nos exemplos de (10):

(10) santo, careca, cego, rico, pobre, velho.

Em casos como os de (10), o substantivo formado por conversão designa um indivíduo que apresenta tipicamente a propriedade expressa pelo adjetivo. Há também um outro tipo de situação, em que adjetivos, em situações restritas, limitadas a certos tipos de contexto, como os contextos genéricos, denotam seres pela qualidade que possuem, como em (11):

(11) a. Consolai os aflitos

b. Bem-aventurados os mansos...

Em ambos os casos, o da conversão plena e o da substantivação ocasional, o adjetivo denota seres pelas propriedades atribuídas pelo adjetivo, através da metonímia “Qualidade por Indivíduo”, assim estendendo para a denotação, com notável eficácia, a função básica dos adjetivos de atribuir propriedades a seres. Na realidade, podemos constatar que a extensão referida já é gramaticalizada (ou lexicalizada)<sup>17</sup>, no sentido de que, em situações normais, o método mnemonicamente mais eficiente de designação é a caracterização.

Os exemplos apresentados acima se aplicam a adjetivos relacionados a seres humanos, mas a metonímia exerce o seu papel também em outros casos de denotação, embora não se encontre, fora do âmbito de adjetivos referentes a seres humanos, o mesmo teor de previsibilidade. Alguns exemplos de adjetivos com substantivos correlatos sem referência intrínseca a seres humanos estão em (12):

(12) absurdo, líquido, sólido, agudo, brilhante, estreito, doce

Os exemplos de (12) mostram que o significado do substantivo em conversão pode designar uma entidade caracterizada pelo significado do adjetivo, como em *absurdo*, *líquido* e *sólido*; mas também pode ser apenas parcialmente derivado deste significado, designando algo mais particular, a partir de um ato de designação, como em *agudo* (termo musical), *brilhante*

---

<sup>16</sup> Para uma discussão mais detalhada, v. Basilio 2004b, 2008.

<sup>17</sup> A distinção é complexa, quando se trata de morfologia lexical.

(pedra preciosa), *estreito* (termo geográfico) e *doce* (termo culinário). Observem que, mesmo nestes casos, a metonímia Propriedade por Objeto permanece, embora não constitua a totalidade do significado – o que, aliás, é o mais comum nos casos que analisamos nas seções anteriores.

Existem, ainda, casos de conversão consolidada abrangendo classes inteiras, como acontece com os nomes pátrios, através da metonímia “Indivíduo por Origem”: *brasileiro*, *francês*, *italiano*, *americano*, etc.

## **9. A METONÍMIA EM SUBSTANTIVOS ABSTRATOS DERIVADOS DE ADJETIVOS**

Na direção contrária ao que vimos na seção anterior, podemos observar que substantivos abstratos derivados de adjetivos podem assumir uma feição concreta, caso em que denotam entidades ou eventos enquanto caracterizados pelo significado do adjetivo, pela metonímia Qualidade por Qualificado, conforme exemplificado em (13):

- (13) a. F. só abre a boca para falar banalidades.  
b. As gentilezas de F. não causaram muito efeito.  
c. Não imaginei que F. fosse capaz de tais atrocidades.  
e. Só eu sei o quanto F sofreu com as maldades de S.  
f. F. faz qualquer loucura para conseguir o que quer

Nos dados em (13), vemos que as substantivos derivados de adjetivos não apenas representam abstratamente, como entidades, as propriedades que o adjetivo atribui, mas também designam diretamente entidades e eventos genéricos a que se atribuem tais propriedades, pela metonímia Qualidade por Qualificado.

## **10. A METONÍMIA EM CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPOSTAS: UMA VISÃO PRELIMINAR**

Além do seu papel em formações derivadas, a metonímia também opera em construções lexicais compostas. Dado o escopo do trabalho, cito apenas um exemplo, mas relativo a um processo produtivo que corresponde a uma estrutura rígida, não estando, portanto, envolvido na eterna discussão acerca de construções compostas: o das formações [[V] [S]]S, em que o substantivo é objeto do verbo e o todo corresponde a um nome de agente ou instrumento, como em (14):

(14) mata-mosquito, salva-vidas, guarda-costas, guarda-roupa, porta-retrato

Nestas construções, o composto especifica uma atividade exercida sobre um indivíduo ou objeto, e o conjunto designa um agente ou instrumento enquanto tal, novamente em termos das metonímias Indivíduo por Ato ou Objeto por Função. Ou seja, o composto explicita o ato e seu objeto, mas o conjunto, por metonímia, designa o agente ou instrumento.

Naturalmente, aplicam-se a essas construções as mesmas observações feitas anteriormente aos nomes de agente denominais e deverbais, isto é, a metonímia deve ser entendida como um ponto de referência que dá acesso à entidade conceptual pretendida dentro de um modelo cognitivo. Assim, formações como *mata-mosquito*, *salva-vidas* e *guarda-costas* são entendidas dentro da nomenclatura de profissões e ocupações; do mesmo modo, *guarda-roupa* e *porta-retrato* fazer parte do domínio de mobiliário e decoração. Em todas as construções, há uma conexão entre o conhecimento enciclopédico e o significado das construções morfológicas (no caso, morfossintáticas), permeada por padrões metonímicos tais como Ato por Agente ou Ato por Instrumento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero ter demonstrado, pelo teor e abrangência dos casos descritos, que a metonímia exerce um papel de crucial relevância na morfologia lexical. Ressalto, ainda, que este é um trabalho em curso; à medida que nos debruçamos, com mais detalhe e consistência, sobre construções derivacionais e composicionais, assim como sobre fenômenos de conversão, surgem mais evidências do papel da metonímia na interpretação previsível de construções lexicais, o que indica a urgência de se verificarem conexões mais profundas e estáveis entre construções morfológicas e padrões metonímicos, o que levará a um impacto em controvérsias correntes entre os estudiosos da morfologia lexical, tais como a questão do teor da armazenagem, o conceito de regularidade no léxico, e assim por diante.

Para finalizar, relembro uma idéia de Chomsky nos idos de cinquenta, para dizer que já temos suficiente material descritivo sobre o papel da metonímia nas construções morfológicas lexicais, de modo que está na hora de darmos um passo adiante, passando a um nível de análise que proponha explicações mais interessantes e eficazes sobre o caráter multidimensional do léxico nas línguas, ao mesmo tempo criador e guardião de construções simbólicas que constituem as bases dos enunciados lingüísticos e seus infinitos significados.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.
2. BARCELONA, Antonio. Introduction: The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, Antonio. *Metaphor and metonymy at the Crossroads*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
3. BASILIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
4. BASILIO, Margarida. A Função Semântica na Substantivação de Adjetivos. *DELTA*, v.II, n.1, 1986.
5. BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
6. BASILIO, Margarida. Verbos em -a(r) em português: derivação ou conversão? *DELTA*, v.9, n.1, 1993.
7. BASILIO, Margarida. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, Jürgen. *Flores Verbais*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
8. BASILIO, Margarida. Org. *A Delimitação de Unidades Lexicais*. Rio de Janeiro: Ed. Grypho, 1999.
9. BASILIO, Margarida. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. *Ilha do Desterro* Nº 47, 2004a.
10. BASILIO, Margarida. *Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004b.
11. BASILIO, Margarida. Metaphor and metonymy in word-formation. *D.E.L.T.A* 22, 2006.
12. BASILIO, Margarida. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em português. *Revista da Abralin*, v.6, n.2, 2007.
13. BASILIO, Margarida. The role of metonymy in word formation: Brazilian Portuguese agent noun constructions. In: PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda; BARCELONA, Antonio. *Metonymy and Metaphor in Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
14. BASILIO, Margarida; MARTINS, Helena. Verbos denominais no Português Falado. In: KOCH, Ingedore. *Gramática do Português Falado v. VI: os desenvolvimentos*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996.
15. BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, 1933.

16. CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
17. CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957
18. CORBIN, Danielle. Associativité et stratification dans la représentation des mots construits. In: DRESSLER, Wolfgang et al. *Contemporary Morphology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.
19. DIRVEN, René. In Search of Conceptual Structure. Five Milestones in the work of Günter Radden. In: CUICKENS, Hubert et al. *Motivation in Language. Studies in Honor of Günter Radden*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
20. DI SCIULLO, Ana-Maria; WILLIAMS, Edwin *On the Definition of Word*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.
21. GEERAERTS, Dirk. *Words and Other Wonders*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
22. GONÇALVES, Carlos Alexandre *Iniciação aos estudos morfológicos*. São Paulo: Contexto, 2011.
23. JACKENDOFF, Ray. Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. *Language* v.51, 1975.
24. JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
25. JACKENDOFF, Ray. *The Architecture of Language Faculty*. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
26. JANDA, Laura. Metonymy in Word-Formation. *Cognitive Linguistics* v.22, n.2, 2011.
27. KEMMER, Susan. Schemas and Lexical Blends. In: PANTHER, Klaus-Uwe et al. *Motivation in Language*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
27. LANGACKER, Ronald. *Language and Conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
28. LANGACKER, Ronald. *Concept, Image and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin, Mouton de Gruyter, 2002.
29. MIRANDA, Neusa. *Agentivos denominais e deverbais: um estudo da produtividade lexical em português*. Tese de Mestrado, UFRJ, 1980.
30. MIRANDA, Neusa; NAME, Maria Cristina. Orgs. *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
31. OLIVEIRA, Nubiá. *Abordagem cognitiva da construção deverbal X-dor: contribuições para o ensino do português*. Tese de Doutorado. Natal: UFRJ, 2008.
32. ONYSKO, Alexandre; MICHEL, Sascha. Eds. *Cognitive Perspectives on Word Formation*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010.

33. PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda. The roles of metaphor and metonymy in English -er nominals. In: DIRVEN, RENÉ; PÖRINGS, RALF. *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.
34. RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zoltán. Towards a Theory of Metonymy. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Günter. *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
35. SETO, Ken-ichi. Distinguishing Metonymy from Synecdoche. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Günter. *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
36. TUGGY, David. Cognitive Approach to Word-Formation. In: STEKAUER, Pavol; LIEBER, Rochelle. *Handbook of Word-Formation*. Dordrecht: Springer, 2005.

**ABSTRACT:** This work is concerned with the interaction between metonymic patterns, linguistic knowledge and encyclopedic knowledge in Word Formation and claims that the nature of this interaction is crucial for morphological patterns in their role to maintain the efficiency of the lexicon's constitution as a dynamic system of symbolic forms. Initially, our approach to the lexicon is defined, and the relevance of word-formation in lexical expansion and lexical acquisition is acknowledged. Then, we define our view on conceptual metonymy and its relevance for the description of lexical phenomena. Following, we present a brief analysis of different types of lexical constructions in Portuguese, such as deverbal action and agent nouns, "patient" nouns, denominal verbs, Adjective/Noun conversion and bahuvrihi compounding, showing the crucial role of metonymy for the efficiency of the correlate morphological patterns. We conclude that the interaction between metonymy and word-formation patterns and its impact in themes of current debate in theoretical morphology suggest it might be the case that the moment has come to propose explanations that would take into account the multidimensional nature of the lexicon.

**KEYWORDS:** morphological patterns; metonymy in word-formation; Brazilian Portuguese.